

EMPRESAS

PUB

BAKER TILLY
INTERNATIONAL

Finanças Pessoais em 2012: As decisões que têm de ser tomadas!

18 de Janeiro, Palácio Souto Mayor, em Lisboa
24 de Janeiro, Hotel HF Ipanema PortoVeja mais em www.bakertillyportugal.pt

Chinesa Three Gorges prepara contactos com empresas portuguesas

A CTG quer avançar ainda este ano com a fábrica de turbinas eólicas. Entre as empresas a contactar para parcerias deverá estar a Efacec e construtoras.

Helena Cristina Coelho
helena.coelho@economico.pt

Fechado o contrato que formaliza a entrada da China Three Gorges (CTG) na EDP, o novo accionista de referência da eléctrica nacional prepara agora o arranque dos projectos acordados com o Governo português. Entre eles está a construção de uma fábrica de turbinas eólicas, cujos trabalhos de instalação deverão arrancar já no início de 2012 para que possa avançar até ao Verão do próximo ano.

O projecto será executado pela Goldwind - empresa participada pela CTG e que é um dos maiores produtores mundiais de turbinas eólicas -, mas contará com a parceria de empresas portuguesas. Daí que o grupo chinês se esteja a preparar para iniciar rapidamente contactos com companhias nacionais e avaliar potenciais alianças - um desses contactos, apurou o Diário Económico, deverá ser com a Efacec, dada a sua aposta na área das energias renováveis e presença em toda a cadeia de valor desta área.

Segundo a empresa chinesa, a nova unidade "produzirá 800 turbinas eólicas por ano, irá ocupar cerca de oito hectares e terá forte impacto na criação de postos de trabalho especializados". Além disso, reforça a empresa, a nova fábrica "terá ainda um impacto positivo no sector da construção, estando prevista a entrega da empreitada a empresas locais". Um impacto a que se junta o contributo para as exportações portuguesas na ordem dos 500 milhões de euros.

Este investimento reflecte a aposta do grupo chinês nas energias renováveis, mas os seus responsáveis têm mais ambições. Após a entrada no capital da EDP, "estão criadas as condições para uma cooperação empresarial entre os dois países e a criação de oportunidades para concretizar negócios em áreas tão diversas como o comércio, finanças e turismo", adiantou o vice-presidente exe-

cutivo da CTG, Lin Chuxue, na última sexta-feira, após a assinatura do acordo com o Governo que formalizou a venda da sua posição no capital da eléctrica nacional. Uma operação para a qual a CTG contou com uma vasta equipa de conselheiros nacionais e internacionais, desde o Credit Suisse, que liderou a assessoria financeira, até ao Banco Espírito Santo de Investimento, o banco de investimento local.

Contactos com CTG iniciados há um ano

O negócio - que envolve o pagamento de 2,69 mil milhões de euros pela compra de 21,35% da EDP -, inclui outras propostas. O plano apresentado pela CTG prevê o investimento de dois mil milhões de euros até 2015 na compra de posições minoritárias (entre 34 e 49%) em projectos da EDP Renováveis - 800 milhões deverão ser aplicados nos primeiros 12 meses após o fecho da transacção. Além disso, os chineses comprometem-

“

As estruturas da CTG e da EDP são muito parecidas, o negócio é centrado nas energias limpas.

[Esta operação] vai abrir portas para a entrada de outras empresas chinesas em Portugal.

Cao Guangjing
Presidente da China Three Gorges

se a garantir linhas de crédito, junto dos bancos chineses (CDB e ICBC) de dois mil milhões de euros num prazo que pode ir até 20 anos. Um investimento brutal que, realçam fontes do sector financeiro, "são um sinal de que os chineses acreditam que o euro não vai acabar nem Portugal vai sair do euro".

O negócio representa também a estreia da CTG no mercado europeu. A escolha da EDP foi uma oportunidade - "não há muitas empresas deste sector na Europa a serem privatizadas", realça fonte do mercado -, mas é sobretudo uma empresa estratégica para quem tem ambições de diversificar para mercados internacionais. Essa dinâmica da EDP, como reforçou o presidente executivo da CTG, Cao Guangjing, "é uma boa plataforma para a CTG em mercados como a Europa, América do Sul, Estados Unidos e África", sobretudo na área das energias renováveis, onde a EDP é a terceira maior do mundo. António Mexia acredita que a CTG escolheu a empresa portuguesa para entrar na Europa devido a "uma estratégia que permitiu à EDP transformar-se numa referência internacional nas energias limpas, bem como na presença em 13 países e 29 nacionalidades dos funcionários do grupo empresarial". Além disso, reforça, "conseguimos desenvolver esta relação empresarial há mais de um ano, quando começámos a conversar e a estudar oportunidades".

O investimento do grupo chinês na EDP pode ainda levar ao reforço da sua posição na eléctrica: o Estado, através da Parpública, ainda detém perto de 4% em obrigações convertíveis. E Cao Guangjing voltou a deixar essa possibilidade em aberto, tal como o futuro de António Mexia e da sua equipa executiva. Questões a resolver na próxima assembleia geral da EDP, que deverá ser agendada no início de Fevereiro, para aprovar a entrada e estratégia do novo accionista. ■ **com E.M.**

ACCIONISTAS DA EDP

Os chineses passam a ter uma posição de destaque na nova estrutura accionista da eléctrica.

Accionista	Capital (%)
China Three Gorges	21,35
Iberdrola	6,79
Caja de Ahorros de Asturias	5,01
José de Mello	4,82
Senhora	4,06
Parpública	3,7
BCP + Fundo pensões BCP	3,37
Norges Bank	2,76
Sonatrach	2,23
BES	2,12
Qatar Holding	2,02
CGD	0,61
EDP (acções próprias)	0,87
'Free float'	40,28

Fonte: EDP



ENTREVISTA LUÍS CORTES

“Os bancos

ETV

Direito a Falar
sextas-feiras, 22 horas

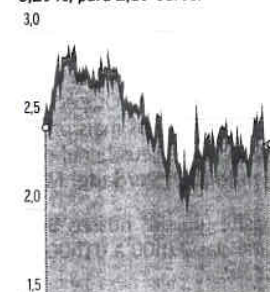
O advogado diz que "chineses vieram para ficar". Depois da energia, será a vez da banca.

Francisco Teixeira
francisco.teixeira@economico.pt

Luís Cortes Martins foi um dos convidados do "Direito a falar", um programa do ETV em parceria com a revista "Advocatus". Como sócio da sociedade Serra Lopes, Cortes Martins e Associados, foi o advogado que acompanhava a China Three Gorges (CTG) na entrada na EDP.

EDP VALORIZA

No dia em que os chineses formalizaram a sua entrada na EDP, o título fechou a valorizar 0,29%, para 2,39 euros.



Fonte: Bloomberg

Mota-Engil emite 25 milhões em obrigações

A Mota-Engil emitiu um empréstimo obrigacionista no valor de 25 milhões de euros no passado dia 29 de Dezembro. Segundo um comunicado enviado na passada sexta-feira à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) pelo grupo liderado por António Mota e Jorge Coelho, este empréstimo obrigacionista, por subscrição particular e directa, vence a 30 de Dezembro de 2016 "com juros calculados com base em taxa variável, fixando-se a taxa de juro para o primeiro cupão em 7,14%".

AGENDA DO DIA

- Início do processo de 'lay-off' na empresa Jado Ibérica.
- Previsão de pagamento de salários e subsídios em atraso aos trabalhadores da Tobis.



Paula Nunes



Paulo Alexandre Coelho

1 No salão nobre do Ministério das Finanças, o presidente da EDP, António Mexia, e o líder da China Three Gorges, Cao Guangqiang, cumprimentam-se efusivamente, após a assinatura do acordo de parceria estratégica entre as duas empresas.
2 No final de um almoço, no Hotel Tivoli, o presidente do Banco Espírito Santo de Investimento, José Maria Ricciardi, que assessorou os chineses na compra da EDP (juntamente com o Credit Suisse), ofereceu uma camisola do Sporting a Cao Guangqiang.
3 Depois do Ministério das Finanças, o presidente da CTG visitou o primeiro-ministro, Passos Coelho, no Palácio de São Bento.



Paula Nunes

MARTINS Advogado da China Three Gorges na operação de privatização da EDP

chineses vêm atrás dos seus clientes”

Que significado teve para si participar na maior privatização da história da democracia? Foi um processo exemplarmente conduzido pelo Estado e um privilégio trabalhar com equipas tão qualificadas. Quando assim é, até as operações mais complexas se tornam simples. Do ponto de vista do escritório foi um marco na nossa carreira. **Ficou surpreendido com o desfecho do negócio?**

Tinha, como todos, um certo receio de que as razões da escolha não fossem estritamente comerciais, mas foram. O Governo tomou uma decisão muito corajosa, porque os outros concorrentes estão ligados a países com os quais Portugal tem muitas relações económicas. **Alemanha e Brasil.**

O Governo teve a coragem de abrir a porta a uma grande empresa, de uma nova geografia da forma mais natural: venceu um concurso que foi exemplar. Bas

ta ver que nenhum concorrente até agora se queixou.

Que imagem guarda do grupo? É uma aposta de longo prazo, na China a noção de tempo é distinta da nossa. Nestes meses de proximidade com este accionista, per-



“
A China Three Gorges está para ficar em Portugal, na EDP e no desenvolvimento de outro tipo de negócios.

cebe-se que a CTG está para ficar em Portugal, na EDP e no desenvolvimento de outro tipo de negócios. Chamo, aliás, à atenção que, havendo uma grande empresa chinesa com presença em Portugal, é natural que as entidades financeiras chinesas venham atrás. Os bancos chineses vêm atrás dos seus clientes. Nesta operação todos ganham: a CTG, a EDP que tem agora um parceiro com um músculo financeiro muito grande e ganha o Governo que conseguiu um enorme encaixe financeiro. **Os chineses da CTG são tecnicamente competentes?**

Muito cautelosos, sabem o que querem, analisam muito bem a realidade e dão passos muito seguros. Não se comprometem, não fazem promessas vãs. **Porque considera a aposta dos chineses no País de médio prazo?** Sem entrar em detalhes, lembro apenas um: existe a disponibilidade de bancos chineses para financiarem a EDP num prazo

de 20 anos que é um prazo que hoje em dia “não existe”. E com valores tão elevados. Por outro lado, como é público, há uma cláusula de ‘lock-up’ por quatro anos e, como é óbvio, ninguém faz um investimento desta dimensão de forma aventureira.

Foi apenas o dinheiro que distinguiu esta proposta chinesa? Primeiro, é bom realçar que o Governo aceitou a melhor proposta que, neste caso, era chinesa. A melhor proposta coincidiu com um novo mercado para Portugal. A China quer internacionalizar as suas empresas e a EDP pode contribuir para um desenvolvimento tecnológico das empresas chinesas. A China é hoje a segunda maior potência do mundo e tem uma grande solidez financeira quando tudo parece volátil. **Além da EDP, o que procuram os chineses em Portugal?**

Várias coisas, tanto quanto me é dado a perceber. Querem entrar no mercado da União Europeia e

aproveitar as relações privilegiadas de Portugal com o Brasil e África. A EDP Renováveis tem também um papel muito importante no mercado eólico americano. A EDP é uma empresa muito internacionalizada e apetecível e é um exemplo do que devem fazer outros empresários portugueses. **Fala do triângulo Lisboa-Brasília-Luanda?**

Claro. Há uma identidade cultural que facilita as coisas.

Do ponto de vista jurídico, a operação foi complexa? Para ser justo, foi desenhada pela entidade vendedora e não pelo comprador. Foi uma operação muito interessante, bastante complexa e desafiante. Mas o mérito do desenho da operação é muito da entidade vendedora.

Fala da Moraes Leitão, Galvão Teles Soares da Silva?

E da Perella e da Caixa BI que fizeram um trabalho excelente. Este processo é interativo e a parceria estratégica com a CTG funcionou. ■